

## ENTREVISTA ESPECIAL

Concedida pela Professora Doutora Irlane Gonçalves Abreu em 23.01.2021

### *01 Humana Res*

Sua contribuição na Geografia Brasileira, em especial a piauiense, se dá a mais de 50 anos de relevantes serviços prestados para o fortalecimento do conhecimento geográfico e a prática docente, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Considerando seu extenso currículo no âmbito das Ciências Humanas, qual motivação de ser professora e como foi a recepção da família?

175

### **Professora IA**

No início dos anos 1960, quando conclui o ensino médio, “ter um diploma de curso superior” não apontava como direção de vida para a maioria dos jovens porque havia poucas possibilidades, em Teresina, de ingressar nesse grau de ensino. Na cidade existiam somente os cursos de Direito e de Odontologia e, ofertados pela Faculdade de Filosofia do Piauí - a FAFI, os cursos de Licenciaturas em Línguas Neolatinas (Português, Francês e Espanhol) em Geografia e História, além de Filosofia

No Liceu Piauiense e na modalidade de “ensino médio curso clássico”, que frequentei e pela própria natureza deste, o futuro direcionava-se para cursos voltados para uma perspectiva humanista especialmente na FAFI, onde predominava a discussão de questões sociais pela forte presença da Igreja Católica administradora da Instituição e engajada em tais questões.

Os professores da FAFI eram o que de melhor havia nos meios intelectuais do Piauí e, diante das poucas opções de ensino superior em Teresina, decidi, então, prestar vestibular para o curso de Licenciatura em Geografia, ciência então pautada por metodologia descritiva dos fenômenos naturais e humanos.

Por esta época eu já trabalhava no Tribunal de Contas do Estado, na área administrativa, e estudava à noite. Concluída a licenciatura, veio o dilema: continuar sendo uma funcionária burocrática ou assumir o magistério? Tentei conciliar as duas atividades, mas os horários eram incompatíveis, de modo que optei pelo magistério. Trabalhei em escolas públicas, com jovens de 10/12 anos, no que corresponderia hoje às últimas séries do ensino fundamental e no ensino médio e em cursos preparatórios para vestibulares.

Quanto ao fato de me tornar professora, minha família nunca interferiu na decisão, até porque “ser professora” nos anos 1930/1940 era a atividade buscada por moças de classe média da época – tias de minha mãe e ela própria, se formaram na Escola Normal Antonino Freire e foram professoras atuantes no círculo educacional de Teresina. Desse modo, “tornar-se professora” era “destino quase certo” dos/das jovens, ainda que fossem anos posteriores àqueles já mencionados.

## **02 Humana Res**

Como se deu sua inserção como professora universitária, em especial na Universidade Estadual do Piauí (UESPI), e como enxerga/avalia a formação docente à época

### **Professora IA**

Minha atuação como professora do curso de Geografia da UESPI ocorreu após ter sido professora da UFPI e de ter me aposentado desta IES, de modo que considero alguns aspectos da minha trajetória no curso de Geografia da Universidade Federal referências que me credenciaram para o meu ingresso na UESPI”.

Quando aluna da FAFI trabalhei com a professora Cristina Oliveira como “auxiliar pedagógico” (não lembro a denominação correta da função) em diversas atividades junto ao curso de Geografia. Assim, no momento em que a Universidade Federal do Piauí foi criada ela me indicou para compor o quadro da futura UFPI como professora do curso de Geografia.

Este era o cenário do ingresso de profissionais quando a UFPI iniciou a formação de seus quadros de professores, ressaltando-se que os indicados, na sua maioria, foram alunos de destaque da FAFI. Comecei a trabalhar na UFPI em 1973, quando o Ministério da Educação instituiu política de aperfeiçoamento/qualificação de professores de universidades recém criadas, especialmente das regiões nordeste e centro oeste. Tal política objetivava a introdução de novas metodologias e de novos conteúdos em diversas áreas do conhecimento. Fui indicada para participar do curso, realizado em Brasília, durante 6 meses, juntamente com outros professores da UFPI das áreas pedagógica e de línguas.

Egressa da FAFI, em cujo curso de Geografia predominavam metodologia e conteúdos clássicos, de matriz francesa, nessa especialização tomei conhecimento de uma outra forma de conceber e ensinar Geografia- a Geografia Quantitativa, de origem norte americana e baseada nos princípios neopositivistas. Ao contrário da Geografia clássica, fundada e apoiada na observação do mundo, na sua descrição e no discurso, a Geografia Quantitativa propunha o número como outro suporte interpretativo da realidade, descrita agora por meio de gráficos, matrizes e elementos semelhantes. Evidente que tal mudança acarretou reações em várias universidades, o que também ocorreu na UNB: formavam-se grupos de professores a favor e

contra a nova interpretação geográfica. Embora tenha me assustado com esta nova forma de desvendar o mundo, hoje percebo que tal modalidade de interpretação da realidade poderia ser aliada- e não vilã- da metodologia usada na Geografia tradicional. Professores de Brasília vieram à UFPI e aqui expuseram suas ideias.

Destaco também outros aspectos de minha atuação na UFPI e que também me credenciaram a lecionar na UESPI: atuação docente na área de Geografia Humana – ministrando as disciplinas Geografia da População e Geografia Urbana e, especialmente a disciplina Iniciação/Introdução à Ciência Geográfica, com ênfase epistemológica nos diversos momentos de formação dessa ciência e articulados a diferentes visões de mundo veiculadas através da filosofia, da sociologia e da economia; participação em ciclos de estudos das disciplinas introdutórias do currículo vigente, como Filosofia, Economia e Sociologia, objetivando alcançar maior robustez na compreensão do espaço e contribuindo para que os alunos também o fizessem; escrever e divulgar textos sobre epistemologia geográfica no intuito de embasar os alunos para compreensão do mundo e do papel da Geografia nesta tarefa.

Na mesma conjuntura de relações UFPI x UESPI, destaco minha participação no curso de Mestrado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluído em 1983, quando tomei conhecimento de outra vertente epistemológica da Geografia, a Geografia Crítica, questionadora dos modelos anteriores. Defendi dissertação sobre o crescimento da zona leste de Teresina ao revelar o processo de segregação sócio espacial a que a capital piauiense estava sendo submetida.

Costumo dizer que nessa trajetória enfrentei as grandes transformações da ciência geográfica, até a atual construção do paradigma ambiental, uma possibilidade especial do resgate da Geografia como ciência de contato entre a natureza e o homem.

Após aposentar-me na UFPI lecionei em algumas instituições de ensino superior particulares. Também nesta época, juntamente com colegas aposentadas da UFPI, escrevi artigos e livros didáticos sobre o ensino da Geografia, sobre as realidades piauiense, teresinense e do semiárido do Piauí.

Desejando ainda contribuir com o magistério superior no Piauí, participei de processo seletivo na UESPI e em 2010, nesta mesma instituição, prestei concurso público para o cargo de professor de Geografia, quando me aposentei em 2012.

Quanto à minha avaliação com relação ao quadro docente da UESPI na época que ali ingressei, havia uma deficiência do número de professores, além do que poucos eram os efetivos, como também os que tinham qualificação além da graduação. Ressalvo que quanto a este aspecto que a instituição promoveu convênio com CUBA qualificando, a nível de mestrado em Ciências da Educação – Docência Universitária para parte do seu quadro docente. Apesar

das dificuldades, os professores da UESPI formavam um grupo dedicado ao magistério que, pela própria proposta inicial da Instituição, disseminou o ensino superior por grande parte do território piauiense; ofertava cursos de especialização tanto em Teresina como no interior; realizava diversos eventos – o Simpósio Anual de Geografia era - e ainda é - um acontecimento de reconhecido valor científico; promovia revisões curriculares destacando-se a inserção do Trabalho de Conclusão de Curso ( TCC ) na grade curricular de Geografia. Vale destacar o empenho da Instituição para ampliar o quadro docente da instituição com a realização de concursos públicos.

Ainda com relação ao desempenho da Instituição em promover a qualificação do seu corpo docente, agora a nível de doutorado, foi estabelecida parceria com a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), por meio do programa DINTER (Doutorado Interinstitucional) do Ministério da Educação. Deste modo, no primeiro semestre de 2011, 10 professores de Geografia e outros que atuam em áreas conexas à Geografia foram liberados de suas atividades na UESPI, para desenvolverem atividades relativas ao Doutorado em Geografia na UFPE. Assim em 2014, já aposentada desde 2012, defendi tese abordando o crescimento periurbano de Teresina e mudança de vida de seus moradores.

### ***03 Humana Res***

Qual a concepção de Ciências Humanas se faz necessária na formação de professores?

#### **Professora IA**

A ciência é uma atividade humana. É por meio dela que o homem torna possível a interpretação/a intervenção do/no mundo, na sua concepção intelectual, física ou humana. Neste sentido, a ideia de ciência relacionada à formação de professores deve privilegiar a atividade de magistério na perspectiva humana e da cidadania.

Esta é uma complexa estrutura de aspectos, presentes e engendrados nas sociedade, como a do entendimento do mundo e do homem que dele faz parte, permeada por arranjos ideológicos, políticos, sociais e econômicos dentre outros. Tais arranjos nem sempre estão claros e é por isso que a formação de professores deve ter como um dos seus princípios norteadores a ideia de cidadania que deve perpassar, de modo crítico e ético, o conteúdo específico de cada ciência, especialmente das Ciências Humanas.

### ***04 Humana Res***

Qual a relevância de avaliar as ações do passado e presente para a compreensão e interpretação da condição humana nos dias atuais? É possível formar professores com essa capacidade?

### **Professora IA**

Avaliação de ações do passado e do presente para a compreensão e interpretação da condição humana (conceito que nesta conversa foge da sua interpretação filosófica expressando aqui *condição de vida*) nos dias atuais requer uma visão crítica – ética e consistente – da sociedade.

Neste sentido, a escola é o veículo adequado para desenvolver tal visão de modo que diferentes agentes sociais possam avaliar/decidir sobre a condição de vida de populações, mantendo-as ou transformando-se, destacando-se, nesta tarefa, o papel dos professores.

### **05 Humana Res**

Espaço e tempo são categorias básicas nas Ciências Humanas. Como valorizar essa relação diante da crise à crítica sistemática à ação humana, às relações sociais e de poder, e principalmente quando tratamos de produção de conhecimentos e saberes?

### **Professora IA**

As relações que decorrem do conjunto de categorias *tempo* e *espaço* para o entendimento da construção das sociedades estão pautadas nas diferentes formas de interpretação do mundo, produzidas pelas ciências, ao longo do tempo e do espaço. Sendo a sociedade humana plural, constituída por indivíduos que pensam e se comportam diferentemente, tais diferenças ao longo da história produziram/produzem conflitos de toda natureza; para mediá-los/atenuá-los é necessário que as ciências humanas se posicionem possibilitando o diálogo, onde a crítica ética e consistente tenha lugar para o exercício “mais saudável” das relações sociais, de poder e de produção de conhecimentos e saberes.

Evidentemente discutir tal tema a nível teórico é muito diferente do enfrentamento que ocorre cotidianamente, por todas as sociedades no mundo todo, notadamente no que diz respeito às relações sociais e de poder. Novamente volto a afirmar que a escola é o lugar privilegiado para se aprender atitudes de diálogo, de respeito e de crítica. De modo que valorizar a educação e a produção do conhecimento humano, é tarefa árdua, mas necessária.

## 06 Humana Res

Ainda existe lugar para a formação ética nas Ciências Humanas, no sentido de formar professores com responsabilidade para valorizar os direitos humanos, o respeito ao ambiente, e a coletividade principalmente na Universidade?

### Professora IA

A formação de professores, na Universidade, de modo ético, envolvendo responsabilidade na valorização dos direitos humanos, no respeito ao meio ambiente e à coletividade por meio das Ciências Humanas deve ser um dos pilares da sociedade. Neste sentido – e diante da realidade do nosso País - é urgente reavaliar o papel desta Instituição e produzir *modelos que contemplem* Ciência, especialmente as Ciências Humanas, como parte inerente deste projeto.

Aqui me permito uma observação pessoal que já venho compartilhando com alguns colegas sobre um entendimento equivocado de Ciência. Entendo Ciência *como conjunto de saberes, conhecimentos e procedimentos produzidos pelo homem para interpretar e/ou intervir nos fenômenos, sejam eles físicos/naturais ou humanos. A Ciência é uma só.* Entretanto, incapaz de desvendar a realidade em sua totalidade o homem a “dividiu” em “porções” que são as diversas as Ciências. Cada ciência tem seu objeto e seu método de investigar a realidade. E, neste momento de pandemia, a situação brutal produzida pela presença da COVID-19, exigiu de cientistas - imunologistas, infectologistas, virologistas e outros profissionais da saúde - empenho na produção de vacinas contra o vírus, adotando e divulgando o rígido protocolo das ciências naturais/físicas/biológicas. Este, pautado na observação do problema/busca por uma solução/testagem desta solução/ elaboração de produto final - *a produção da vacina para a imunização da população contra a doença em tempo recorde, constitui um momento especial e grandioso da ciência.* A própria condição epidêmica, carregada de medo e incerteza, pode, no entanto, produzir uma “supervalorização” das ciências físico/biológicas em detrimento de outros aspectos relacionados à doença, como os aspectos humano-sociais, tão importantes como os relacionados aos aspectos físico/biológicos da COVID-19. Estes vão requer investigação diversificada da que foi produzida nos laboratórios, para que a sociedade entenda, de fato, porque e como a pandemia ocorreu. E concludo chamando atenção que estes são *aspectos humanos da doença* que vão ser investigados por outras ciências e outros cientistas, que adotarão métodos diferentes para responder questões também diferentes daquelas assumidas pelas ciências físicas/ biológicas no desvendamento da complexidade da doença. A Ciência é única, no entanto como os fenômenos apresentam diversas facetas devem ser

investigados/estudados em seus diferentes vieses, por diferentes cientistas e por meio de outros conhecimentos, todos igualmente importantes.

### ***07 Humana Res***

Como avalia as mudanças curriculares ao longo das últimas décadas, sobretudo a reforma realizada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)? O que esperar dos reflexos da BNCC para a formação de professores no âmbito das Ciências Humanas?

#### **Professora IA**

No nível de ensino universitário da UESPI do qual fiz parte, institucionalmente, até há pouco tempo, notei que há esforços para mudanças, como: alterações da grade curricular; propostas de mais envolvimento dos alunos nas disciplinas pedagógicas e de iniciação à pesquisa... mas são mudanças tímidas em razão das profundas transformações sociais pelas quais passa o país que requerem também mudanças profundas no ensino. Embora não tenha me aprofundado na leitura do documento, avalio que a BNCC pode ser um avanço contemplando as relações existentes entre os conhecimentos/ciências e introduzindo novas formas de ensinar e aprender, especialmente através da adoção de novas e diversas tecnologias, marca deste tempo que estamos vivendo.

É preciso lembrar que a BNCC afetará as Universidades, pois os profissionais da educação são ali formados. Por isto as IES deverão reavaliar seus currículos incorporando a essência da BNCC. Esperamos que tais mudanças produzam transformações sociais significativas no Brasil.

### ***08 Humana Res***

Como a pandemia afetou a implementação da BNCC nas escolas?

#### **Professora IA**

Noticiários e outras fontes de informação indicam que a situação de saúde pública no Brasil, produzida pela pandemia, afetou a rotina das escolas e de órgãos públicos relacionados à educação, dificultando assim a implementação da BNCC.